

Diversidades na Sociedade Contemporânea: a história do vídeo “Isso, Aquilo e Aquilo Outro”

Miriam Chnaiderman¹

Fui convidada para exibir meu vídeo “Isso, Aquilo e Aquilo Outro” no II Encontro de Humanização da Secretaria de Estado da Saúde, realizado no Espaço Café Cultural, na mesa sobre “Diversidade e Saúde na Sociedade Contemporânea”. Norteava o convite a informação de que este trabalho tinha como tema o preconceito em nosso mundo e, mais especificamente, em cidades como São Paulo. Claro que, orgulhosamente, aceitei o convite, pois enquanto psicanalista que vem fazendo documentários tenho procurado falar do que permanece oculto em nosso mundo, daquilo com que convivemos sem nos apercebermos, daquilo que fica embaixo do tapete e que vai intoxicando... Fazer documentários tem sido uma forma de sair do consultório e me perder pelas ruas da cidade e do mundo, capturada por vento, sol e cores.

Assim, meu primeiro documentário, “Dizem que Sou Louco”, procurou nas ruas as figuras que cotidianamente são nossas companheiras de viagem, embora não nos apercebamos: nossos olhos e passos procuram desviar-se das roupas e andrajos de nossas calçadas. Meu segundo documentário, “Artesãos da Morte”, entrevistou trabalhadores que no dia-a-dia tocam cadáveres; afinal, a morte é um tema tabu em nosso mundo. Meu terceiro documentário, “Gilete Azul”, conta a história da artista plástica Nazareth Pacheco, que transformou sua história de precoces sofrimentos no corpo em uma obra magistral – aqui trabalhei com o corpo reconstruído, o corpo que é silenciado.

Depois, realizei dois documentários sobre a discriminação, mais especificamente sobre a discriminação étnica. Um deles, “Isso, Aquilo e Aquilo Outro”, exibido no **II Encontro de Humanização**, e o outro, “Você Faz a Diferença”, que aborda o racismo presente nas escolas. Ambos foram feitos em parceria com o projeto “São Paulo Educando pela Diferença para a Igualdade”, da Universidade Federal de São Paulo, em parceria com o Conselho da Comunidade Negra de São Paulo e a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

Transcrevo os objetivos do projeto, tal como está na proposta: “organização de um curso para professores/as do ensino médio com ênfase nas diversidades em geral e, em especial, na diversidade étnico-racial (...). O curso também atende a uma parcela cada dia mais ampla de professores que não tiveram em sua formação básicas conteúdos (...). Pretende-se sensibilizar os profes-

res para a temática racial buscando a compreensão e a reflexão dos processos discriminatórios ocorridos na sala de aula, bem como na sociedade em geral”.

Assim, a meta foi produzir vídeos que seriam parte do curso que objetiva instrumentar professores da rede pública para lidar com a questão do preconceito em sala de aula. A proposta queria acentuar o papel da escola e do educador frente à diversidade e o pressuposto de que o educador não está preparado para lidar com a alteridade, pois não recebeu essa formação.

A demanda de um vídeo a ser discutido por professores da rede pública focando a questão do preconceito e, mais especificamente, a discriminação étnica, surgiu num momento todo especial, em que a questão das ações afirmativas passou a ocupar as discussões nos mais variados lugares da nossa cultura: universidades, jornais, teatro, cinema, etc.

Ao exibir o vídeo “Isso, Aquilo e Aquilo Outro”, eu pretendia instaurar a discussão sobre o preconceito no âmbito dos profissionais de saúde e isso me parecia fundamental. Lembrava de uma das entrevistas que havia feito anteriormente para o outro vídeo, época em que soube que, em uma escola, uma mãe negra procurou inutilmente fazer com que a diretora compreendesse a necessidade de uma ampla discussão com pais e professores, após sua filha ter sido discriminada por um colega de classe. Só quando essa diretora conversou com seu marido médico, diretor de um hospital em uma cidade do interior, se deu conta da gravidade da questão, acolhendo a demanda da mãe e realizando um importante trabalho com sua equipe. Parece que na Saúde Pública, estas questões estão mais escancaradas e não há como negá-las. No vídeo exibido no encontro, um médico psiquiatra negro relata como sempre acham que ele é enfermeiro, como se jamais um negro pudesse ter um diploma em medicina.

Quando comecei a fazer o “Isso, Aquilo e Aquilo Outro” tinha clareza de que queria produzir um vídeo que deveria abordar a questão das diferenças de maneira a mais ampla possível. Queria falar da dificuldade em relação a qualquer alteridade, a dificuldade com a diferença. Pensava que a questão étnica era apenas um dos casos,

¹ Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sédés Sapientiae, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Doutora em Artes pela ECA-USP, Pós-doutorada no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP. Contato: chnaide@uol.com.br

com uma história atroz de discriminação.

No decorrer do processo, foi ficando clara a tradição de luta do movimento negro e o quanto qualquer reivindicação de respeito à diferença tem levar em conta a História Negra. Neste sentido, o movimento negro é vanguarda de toda uma bandeira de luta contemporânea, quando palavras de ordem tais como diversidade, diferença, multiplicidade, ganham contornos de importantes movimentos sociais.

Mapeamos São Paulo, visitamos a periferia, percorremos suas ruas. Colhi depoimentos impressionantes. Assim, no vai e vem das muitas falas, na nossa atenção flutuante de analistas, fomos fazendo a livre-associação imagética e construindo o vídeo. Ao fim e ao cabo, o que me norteou foi a cartografia dos afetos ligados à discriminação, formas de lidar com a humilhação e com um real do corpo.

Meu trabalho vai ganhando sentido ao ganhar espaço em discussões como estas, nesse encontro. É a minha contribuição para nos abirmos para a questão da diversidade em nosso cotidiano.